

Sentimentos de jovens em tratamento oncológico diante da pandemia do coronavírus

Feelings of young people undergoing oncological treatment in the face of the coronavirus
pandemic

Carlos Eduardo Oliveira de Abreu

Ana Paula Amaral Pedrosa

Cybelle Cavalcanti Accioly

Eliane Nóbrega Albuquerque

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender os sentimentos de jovens em tratamento oncológico durante o período de pandemia da COVID-19. A pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizando-se também como um estudo transversal de caráter exploratório. Utilizou-se a literatura científica sobre sentimentos como apoio teórico e a técnica de associação livre de palavras na aplicação de formulários virtuais a partir das orientações do método bola de neve. Foram utilizados os termos indutores ‘Coronavírus’, ‘Ir ao hospital’ e ‘Tratamento contra o câncer’. Em seguida, os participantes foram orientados a realizar uma hierarquização e justificativa das palavras evocadas. A análise dos dados foi pautada na análise de conteúdo de Bardin (2011). Como resultados obtidos, a circunstância pandêmica foi articulada com os sentimentos dos jovens apontando a prevalência de medo, pavor, tristeza, saudade e esperança devido ao contexto social, à alta transmissibilidade do vírus e da falta de uma cura. O estudo aspira contribuir para a compreensão de sentimentos dos jovens em contextos de calamidade e auxiliar em futuras pesquisas ações a serem desenvolvidas para esse público.

Palavras-chave: Jovens, Psico-Oncologia, SARS-CoV-2, Sentimentos.

Abstract

This article aims to understand the feelings of young people undergoing cancer treatment during the COVID-19 pandemic period. The research is qualitative, characterized as a cross-sectional study of an exploratory nature. Scientific literature on feelings was used as theoretical support and the technique of free association of words was used in the application of virtual forms based on the guidelines of the "snowball" sampling method. The inducing terms 'Coronavirus', 'Going to the hospital', and 'Treatment against cancer' were used. Then, the participants were instructed to perform a hierarchy and justification of the evoked words. Data analysis was based on Bardin's content analysis (2011). As results obtained, the pandemic circumstance was articulated with the feelings of young people, pointing out the prevalence of fear, dread, sadness, longing and hope in the face of social context, in addition to the high transmissibility of the virus and the lack of a cure. The study aims to contribute to the understanding of young people's feelings in contexts of calamity and to assist in future research actions to be developed for this audience.

Keywords: Young people, Psycho-Oncology, SARS-CoV-2, Feelings.

Introdução

O câncer infantojuvenil, atinge jovens na faixa etária de 0 a 19 anos, corresponde ao conjunto de doenças que possui como característica comum a proliferação descontrolada de células anormais por diversos lugares do corpo. O câncer em crianças e adolescentes é considerado raro em comparação aos adultos, geralmente afeta células do sistema sanguíneo e os tecidos de sustentação, sendo mais comuns as leucemias (que afetam os glóbulos brancos), os que atingem o sistema nervoso central e os linfomas. (INCA, 2019) No Brasil, o câncer representa a primeira causa de morte por doença entre crianças e adolescentes, cerca de 8% do total, porém, nas últimas quatro décadas o tratamento do câncer infantojuvenil obteve progresso significativo. Quanto mais cedo ocorrer o diagnóstico, maiores serão as chances de recuperação e melhora da qualidade de vida. (INCA, 2019).

No adolescente, uma repercussão significativa do câncer é na imagem corporal, visto que seu corpo em desenvolvimento fica visivelmente marcado por perda ou aumento de peso, alopecia e mal-estar constantes causados por procedimentos terapêuticos. Há também uma reclusão social dentro de casa ou no quarto, fatores esses que fazem o adolescente se esconder dentro de si. (IAMIN, 2017; NASCIMENTO, 2018)

A adolescência, segundo Torres (1994), é uma fase do desenvolvimento considerada complexa e marcada por transformações em aspectos psicológicos, biológicos e sociais. O adolescente é impactado pela sua infância, no qual era dependente dos pais ou responsáveis, e pela vida adulta que representa o desenvolvimento de autonomia e a tomada de responsabilidade. Além disso, também se vê compelido a assumir novos papéis perante à família e sociedade. (SILVA, 2019)

Na psicologia, Stanley Hall foi um dos precursores dos estudos psicológicos sobre adolescência, essa fase foi inaugurada como um estágio do desenvolvimento humano pelo autor

em 1904. Para ele, a adolescência pode ser explicada como um momento de transição na vida de uma pessoa, é biologicamente determinada. (DE OLIVEIRA, 2018).

Erik Erikson (1968/1976) foi referência do cenário psicanalítico de sua época quando se trata do estudo da adolescência. Ele abordou o desenvolvimento humano tendo como base o desenvolvimento psicosssexual de Freud, porém considerando o ser humano num contexto sociocultural que sofre influência do meio em que vive (DE OLIVEIRA, 2018). A Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano de Erikson (1968/1976) foca na construção da identidade através de oito estágios psicossociais, os quais são caracterizados por crises que o sujeito passa durante a seu ciclo vital. Dependendo de como vivencia seus conflitos, o indivíduo pode sair dessas crises mais fortalecido ou mais frágil (MATOS, 2017).

Dentro da teoria de Erikson (1968/1976), o conflito relativo ao período da adolescência é chamado de *Identidade versus Confusão de Identidade*, ocorrendo aproximadamente entre os doze e dezoito anos de idade. Para o autor, a adolescência é um período de experimentação no qual o jovem busca seu próprio “eu” nos outros a fim de conquistar uma identidade própria. Esse adolescente sofre uma revolução fisiológica interna que é somada às exigências sociais externas. (MATOS, 2017)

Aberastury e Knobel (1981) foram psicanalistas que destacaram que a adolescência traz consigo três perdas fundamentais que são vividas como lutos durante esse período: luto pela perda do corpo infantil, pelo papel e identidade infantis e pelos dos pais da infância. A perda pelo corpo infantil é imposta biologicamente ao novo adolescente pela puberdade, no qual o adolescente nada pode fazer a não ser observar essas mudanças como um espectador. O luto pelo papel e identidade infantis obriga o jovem a renunciar a dependência que tinha na infância para assumir novas responsabilidades que ainda desconhece. O luto pelos pais da infância é

vivido pelo adolescente enquanto tenta reter esses pais em sua personalidade, buscando neles refúgio e proteção (DE OLIVEIRA, 2017).

Para os Aberastury e Knobel (1981) o adolescente precisa vivenciar as incertezas e conflitos ao próprios desse período, logo, aspectos da identidade vão se estabilizando culminando no conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo. Visto ser uma etapa decisiva no processo de formação da identidade, toda situação impactante nesse momento vai desencadear consequências na vida adulta. A difícil vivência de uma enfermidade como o câncer na juventude será somada aos conflitos típicos da adolescência, tornando o enfrentamento dessa doença ainda mais complexo. (SILVA, 2019)

Diante da nova realidade, o adolescente se vê compelido a enfrentar a vivência de uma doença ao mesmo tempo que passa por várias modificações próprias de sua idade. Segundo Torres (1990), o diagnóstico traz à tona uma gama de questões, como a morte antecipada e perda de projetos futuros, interferindo na autoimagem e na formação da identidade pessoal. Além disso, existe o estresse causado pelo adoecimento e uma adequação à uma nova rotina de restrições e tratamento no ambiente hospitalar. O adolescente, então, pode não aceitar o adoecimento e sentir dificuldades em compreender pelo que está passando, gerando uma turbulência emocional. (IAMIN, 2017)

O adolescente no ambiente hospitalar se encontra numa situação de vulnerabilidade, pois está afastado do seio familiar, dos amigos e da escola, tendo que se submeter a processos dolorosos e desagradáveis no seu corpo, tornando-o vulnerável a sentimentos e emoções que prejudicam sua saúde e bem-estar. Tais sentimentos estão ligados a como o indivíduo interpreta os acontecimentos diante de um ambiente novo, com pessoas desconhecidas e uma série de limitações das atividades as quais costumava praticar. (PIRES DE CARVALHO, 2018)

Os sentimentos, segundo Paulo Dalgarrondo (2019), são estados e configurações afetivas estáveis, é um fenômeno mais mental que somático e estão geralmente associados a conteúdos intelectuais. Como estão associados a tais conteúdos, precisam que existam palavras (numa língua ou cultura) capazes de codificar os estados afetivos. Os sentimentos podem ser divididos de acordo com sua tonalidade afetiva, como os sentimentos da esfera da tristeza, da alegria, da agressividade, relacionados à atração pelo outro, associados ao perigo e os de tipo narcísico. (DALGALARRONDO, 2019)

Na atualidade, o adolescente em processo de enfrentamento do câncer e de suas próprias angústias inerentes dessa fase, se depara com um contexto pandêmico causado pela COVID-19, caracterizado pela OMS como pandemia em 11 de março de 2020. A doença do novo Coronavírus-2019 é uma enfermidade respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2. O vírus da COVID-19 é transmitido por gotículas de salivagem e secreção, possui alto índice de transmissibilidade, acomete em suas formas mais graves os idosos e portadores de comorbidades. Algumas pessoas infectadas podem permanecer assintomáticas, mas ainda assim transmitir para outras pessoas. (BRASIL, 2020)

Com a chegada da COVID-19 no Brasil, as esferas administrativas começaram a adotar medidas de controle e prevenção da doença. O isolamento social, a quarentena, o distanciamento social e as medidas de contenção comunitárias representam medidas de saúde pública não farmacológicas historicamente consagradas para o controle de epidemias diante da ausência de vacina ou medicação. (AQUINO, 2020)

Objetivou-se compreender os sentimentos que foram despertados em jovens em tratamento oncológico frente a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2.

Método

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa caracterizando-se como um estudo transversal de caráter exploratório, realizando a análise de dados secundários de uma pesquisa já realizada. Este método assume caráter qualitativo no tocante ao tratamento e análise das informações obtidas, através da aplicação da análise prototípica dos dados e técnicas de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

A pesquisa foi realizada durante o período da pandemia COVID-19 com participantes de hospitais de referência que tratam o câncer infanto-juvenil no Estado de Pernambuco. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/IMIP, CAEE 33469320.2.0000.5201; com participação 22 jovens-adultos em tratamento oncológico – ou com intervalo de até um ano de finalização do tratamento. Não houve restrições de gênero e a faixa etária foi delimitada de 18 a 24 anos, intervalo estabelecido pela política nacional da juventude (BRASIL, 2018). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) a adolescência compreende o período entre 15 e 24 anos completos (CARNEIRO et al, 2018). O critério de exclusão foi o não enquadramento no critério de elegibilidade.

A amostra foi por conveniência e não determinada previamente, visto que a pesquisa foi aplicada através das redes sociais virtuais, mediante o compartilhamento de um *link* do *Google Forms*. A estratégia de aplicação dos formulários para o recrutamento dos participantes foi a *snowballsampling*, mais conhecida como “bola de neve” ou “cadeia de informações”. Nessa estratégia, o pesquisador pede aos participantes para encaminhar link ou referência de novos informantes que possuam as características descritas no critério de inclusão. Esse processo continua até que as métricas estabelecidas antecipadamente para a coleta de dados, como prazo de coleta ou quantidade máxima de entrevistados, sejam atingidas, ou para a ocorrência de

saturação teórica, isto é, quando não surgiram novas informações nos dados coletados (COSTA, 2018).

O formulário utilizou-se da técnica de associação livre de palavras (COUTINHO, 2017) e consistiu em três blocos de evocações com os termos indutores “Coronavírus”, “ir ao hospital” e “tratamento contra o câncer” apresentados a partir dos enunciados: “Se eu lhe digo ‘Coronavírus’, o que vem a sua cabeça?”; “Se eu lhe digo ‘ir ao hospital’, o que vem a sua cabeça?”; “Se eu lhe digo ‘tratamento contra o câncer’, o que vem a sua cabeça?”.

Foram solicitadas três respostas geradas a partir da associação livre de palavras para cada termo indutor. Após o momento de associação foi solicitado ao participante uma hierarquização das palavras evocadas e, posteriormente a esse exercício de organização, foi solicitada uma justificativa para esta (COUTINHO, 2017). Por fim, os participantes responderam a um questionário biosociodemográfico para identificar as características suas características.

A partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) foram construídas categorias temáticas a partir das justificativas do eixo indutor “Coronavírus”. Os participantes foram codificados com a letra ‘P’ e um número correspondente para garantir a preservação do sigilo. As categorias criadas foram analisadas à luz da literatura científica sobre sentimentos.

Resultados e Discussão

As justificativas das evocações do eixo indutor “Coronavírus” foram analisados após as transcrições das respostas obtidas nas entrevistas. Neste eixo, foram apresentadas 72 palavras evocadas e 24 justificativas.

Foram encontradas 25 unidades de registro inseridas em 17 unidades de contexto, nas quais foram organizadas em três categorias baseadas na divisão de sentimentos abordada por Paulo Dalgalarondo (2019): sentimentos associados ao perigo, sentimentos da esfera da tristeza e sentimentos da esfera da alegria.

Sentimentos associados ao perigo

Foi possível identificar a predominância dos sentimentos desta categoria. O medo representou a reação mais frequente dos entrevistados diante da realidade pandêmica. Nove participantes relataram a presença de medo ou pavor.

Porque tenho tido muito medo de pegar essa doença. (P5)

Preocupação pelo meu bem-estar e das pessoas, com medo de pegar. (P13)

[...] e medo todo mundo tem. Antes no começo eu tinha mais, agora estou um pouco mais tranquilo. (P14)

Medo porque é uma doença que não foi encontrado a cura, mas tenho um medo razoável e não um medo extremo. (P18)

Os jovens em tratamento oncológico já lidam com uma rotina de cuidados e limitações, logo, as repercussões de uma crise sanitária podem afetar ainda mais a saúde mental dessa amostra população. O medo se relaciona tanto ao contrair o vírus quanto ao contexto social modificado pela pandemia, além da presença de insegurança decorrente da não possibilidade de cura. Durante uma pandemia, o medo aumenta os níveis de estresse e ansiedade nos

indivíduos, pois além de um medo concreto da morte, a pandemia da COVID-19 repercute nas dinâmicas das esferas sociais, como na organização familiar, nas empresas, nas escolas e em locais públicos (ORNELL et. al., 2020).

Pelo fato de já vim tendo complicações de saúde o medo só aumentou de pegar e sofrer ainda mais e aumentar as dores que já tenho constantemente, fora o medo de morrer que não tenho como não ter. (P11)

Medo de ter a doença porque eu estou em tratamento e não sei como seria se eu tivesse essa outra doença. (P21)

Terrível porque causa medo e insegurança nas pessoas. (P23)

Medo porque é uma doença que não tem cura, não tem vacina nem tratamento (...) tenho medo de perder alguém da minha família, de não ver mais. (P26)

Alguns entrevistados também associaram o medo à sua condição de paciente oncológico, visto que representam uma vulnerabilidade maior em decorrência do processo de tratamento ou temem passar novamente por complicações oriundas de outro adoecimento. Os pacientes com câncer possuem uma maior fragilidade devido à doença e seu tratamento, tornando maior a possibilidade de infecção pelo vírus. O efeito de estado imunossupressor sistêmico pode comprometer a saúde do sujeito e levar a maiores complicações pela doença (RODRIGUES, 2020). Esse temor relatado pelos participantes também é consequência da familiaridade com a rotina de tratamento no ambiente hospitalar e pela experiência de lidar com uma doença que traz tantas incertezas.

[...] fico apavorada e com medo. (P1)

Pavor por conta de tantas notícias e muitas informações, as vezes até fakenews se cria um pavor ao invés das informações ajudarem tanto na prevenção da Covid-19 quanto no psicológico. As pessoas têm dificuldade de processar tudo que está acontecendo. (P25)

Diferente das pandemias anteriores, a atual conta com a existência das mídias sociais e seu grande alcance, espalhando grande número de informações que nem sempre são verídicas. Como consequência, a propagação dessas notícias pode causar medo e pânico, gerando insegurança e angústia na população (NABUCO; PIRES DE OLIVEIRA; AFONSO, 2020). Além do estresse causado pela situação de vulnerabilidade e do medo da infecção pelo vírus, os jovens também precisam enfrentar a epidemia de desinformação difundida nas mídias sociais. Tais condições são somadas, causando medo intenso nas pessoas tanto pelo número de informações acerca de mortes e repercussões da pandemia quanto pelas notícias falsas que alcançam a população de forma rápida.

Sentimentos da Esfera da Tristeza

Nas falas dos entrevistados, a saudade e a tristeza também surgiram como sentimentos associados com a pandemia da COVID-19. Devido ao isolamento e distanciamento social, medidas adotadas para impedir a proliferação do vírus, os jovens se viram longe de pessoas próximas e das atividades que antes faziam parte da sua rotina.

Saudade porque não estou perto das pessoas próximas que gosto. Distanciamento igual a saudade, longe dos que gosto. Falta da rotina porque não estou indo para a faculdade, por não poder visitar as pessoas, ir para rua, centros comerciais. (P12)

Saudade que eu estou dos meus amigos e dos meus familiares. (P30)

A partir das limitações impostas pela pandemia do COVID-19, os indivíduos viveram uma radical mudança na rotina em como conduzem suas vidas. As atividades diárias acontecem estritamente em casa e diante de telas, as sensações de falta, perda, ausência e de anseio pelo não visto permearam a existência, ou seja, surgiu a saudade (ATIQUE, et. al., 2021) Durante a pandemia, os jovens foram obrigados a se afastar de pessoas importantes e deixar de frequentar

lugares que antes faziam parte do cotidiano, daí que surge o sentimento de saudade e todos os afetos associados a ela.

A tristeza aparece como um sentimento voltado para as consequências da pandemia e como toda a sociedade sofreu com os desdobramentos, dificuldades e lutos decorrentes dessa nova realidade.

Tristeza por ver tanta gente passando por situações mais difíceis que o normal. (P3)

Tenho ficado triste com tudo isso, com todas essas mortes, e sem poder sair de casa.
(P5)

Os entrevistados apontaram como as dificuldades no combate ao Coronavírus provocam o sentimento de tristeza, visto que estão acompanhando o sofrimento coletivo e as limitações instauradas pela pandemia. Os jovens representam um dos grupos mais suscetíveis a apresentar sinais de tristeza durante tal crise sanitária devido ao estado de luto coletivo e de caos global que passaram a fazer parte da nova conjuntura social. O sentimento de tristeza durante a pandemia prevaleceu de forma mais elevada em adultos jovens, mulheres e pessoas com diagnóstico prévio de depressão (BARROS, et al., 2020).

Sentimentos da esfera da alegria

Nesta categoria, o sentimento que surge nos relatos é a esperança, representando o único sentimento da esfera da alegria presente nas falas dos entrevistados.

Esperança porque depois dessa pandemia toda eu espero que as pessoas melhorem, pensem de forma diferente, espero ter um mundo melhor. (P20)

Esperança que venham dias melhores. (P21)

Verifica-se que mesmo diante dos desafios e incertezas que a pandemia da COVID-19 acarretou, os entrevistados esperam que o desfecho dessa situação seja positivo e traga uma

melhora no âmbito social. A esperança é o estado que se relaciona com a perspectiva positiva em relação ao futuro, sendo ela um impulso para que o sujeito se mova e comece a agir, repercutindo positivamente no bem-estar e na qualidade de vida (LEIMIG, 2018). Sentimentos como medo e tristeza deprimem o indivíduo e dificultam o enfrentamento de demandas durante tal crise mundial, em contrapartida, ter uma visão positiva acerca do futuro contribui para o melhor enfrentamento dos jovens durante os tempos de pandemia.

A esperança pode servir como uma estratégia para enfrentar a crise, o jovem utiliza diferentes estratégias de enfrentamento (*coping*) para lidar com a nova realidade. O *coping* pode ser conceituado como a forma que o indivíduo se adapta a situações estressantes vivenciadas no dia a dia. Cada um vai desenvolver uma determinada estratégia de enfrentamento dependendo de seu repertório individual e de suas experiências, buscando o ajustamento positivo diante do estressor. (IAMIN, 2017)

Considerações finais

No presente estudo, verificou-se que surgiram tanto sentimentos relacionados ao perigo (medo e pavor), quanto a tristeza (saudade e tristeza) e alegria (esperança), demonstrando a diversidade de afetos que podem surgir num contexto de crise mundial, vivenciados de forma subjetiva por cada paciente.

As medidas de proteção e toda a calamidade causada pelo vírus influenciam o modo de vida através da mudança no contexto social, mas cada paciente tem sua forma singular de sentir e demonstrar esses afetos, sejam eles medo, esperança ou tristeza. A pesquisa contribui para a compreensão do público jovem que já possui o câncer como enfermidade e necessita de cuidados especiais durante um período de calamidade, visto que seus sentimentos são diretamente afetados e repercutem na saúde mental. O estudo também pode auxiliar no desenvolvimento de ações dentro de instituições de saúde que possuem os jovens como público alvo e expandir a literatura científica brasileira acerca da pandemia da COVID-19 e os sentimentos que surgem nesse contexto.

Referências

AQUINO, Estela M. L. et al . Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, June 2020 . Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702423&lng=en&nrm=iso>. accesson 08 Apr. 2021. EpubJune 05, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.

ATIQUE, F.; QUIÉTO VIANA, L.; COTRIM, M.; COUTINHO MARQUES DA SILVA, R. Saudades... ou como viver o mundo da pandemia. **Revista Thésis**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2021. DOI: 10.51924/revthesis.2020.v5.261. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/261>. Acesso em: 1 dez. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70; 2011. 279 p.

BARROS, M. B. de A., et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** [online]. v. 29, n. 4 [Acessado 2 Dezembro 2021] , e2020427. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>>. ISSN 2237-9622. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>.

BRASIL. Recomendações de proteção aos trabalhadores dos serviços de saúde no atendimento de COVID-19 e outras síndromes gripais. Ministério da Saúde, 2020.

COUTINHO, M. P. L. A técnica de associação livre de palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots. **Campo do Saber**. 2017; 3 (1): 219-43.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)* [online]. 2020, v. 37 [Acessado 18 Novembro 2021] , e200090. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>>. Epub 01 Jun 2020. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DE OLIVEIRA, A. D.; PECORI VIANA, A. J. A adolescência dos doze ao zero: o processo de desenvolvimento e as contribuições de Freud e Winnicott. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, v. 1, n. ne, p. 55-66, 22 maio 2018.

DE OLIVEIRA, T. V. dos S.; DOS REIS, M. E. B. T. A síndrome normal da adolescência e os pais: relato de experiência. **Discussões sobre a clínica extramuros: [livro eletrônico] quais são os settings possíveis? Resumos e textos completos da II Jornada de Práticas Clínicas em Psicologia / Organizadora: Maira Nonafé Sei**. – Londrina: UEL, 2017.

IAMIN, S. R. S.; ZAGONEL, I. P. S. Estratégias de enfrentamento (coping) do adolescente com câncer. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 29, n. 67, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20155>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2019.

LEIMIG, MelynaBitar Cavalcanti et al. Qualidade de vida, espiritualidade, religiosidade e esperança em pessoas com doença renal crônica em hemodiálise. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n. 1, p. 30-36, 2018.

MATOS, L. P.; LEMGRUBER, K. P. A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais. **Psicologia e Saúde em debate**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 124–145, 2017. DOI: 10.22289/2446-922X.V2N2A8. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/40>. Acesso em: 3 mar. 2021.

NABUCO, G.; PIRES DE OLIVEIRA, M. H. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde?. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, p. 2532, 2020. DOI: 10.5712/rbmfc15(42)2532. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>. Acesso em: 18 nov. 2021.

NASCIMENTO, M. C. DO. Atendimentos a Crianças e Adolescentes com Câncer em Minas Gerais: Retrato de uma Década. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 64, n. 3, p. 365-372, 28 set. 2018.

ORNELL, F., et al. Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in psychiatry**, 2020.

PIRES DE CARVALHO, T. G. et al. O olhar do paciente sobre o câncer infantojuvenil e sua percepção acerca de seus sentimentos e emoções diante do videogame ativo. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 413-426, jun. 2018. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/72695/48563>. Acesso em: 08 abr. 2021.

RODRIGUES, A. B., VIEIRA, A. A., SANTOS, S. G. C. Medidas de Prevenção e Manejo Adequado do Paciente Oncológico em Tempos de Covid-19. **Rev Bras Cancerol.** 2020. 66 (e1125):109-18.

SILVA, B. S. da; OLIVEIRA, B. L. G. de. Percepções psicológicas em adolescentes com câncer. **Revista Uningá**, [S.l.], v. 56, n. S1, p. 99-109, mar. 2019. ISSN 2318-0579. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/141>>. Acesso em: 03 mar. 2021.